

algumas reflexões

Palavras aos licenciados em Letras — 8/12/71

IR. ELVO CLEMENTE

Na solenidade desta hora, na alegria desta noite, no entusiasmo destes corações ouço a harmonia imensa a evoluar-se das almas longe das percepções, na pátria do silêncio.

As palmas emudeceram, as palavras não surgiram aos lábios, a música perdeu-se no limiar dos ecos, e reina o silêncio profundo do pulsar dos corações. Diante de tantas razões de falar, diante de tantos sacrifícios, diante de tantas vitórias, diante de tantas energias a serviço da cultura só resta a homenagem do silêncio. Aqui podemos repetir a expressão de Michele Federico Sciacca — "A Palavra nasce do silêncio, última palavra além de qualquer palavra" (*Silêncio e Palavra*, p. 23).

O homem vive de silêncio e de palavra, de silêncio intraduzível e de palavra que é esforço para traduzi-lo na certeza de jamais traduzi-lo plenamente e, portanto, no espírito da aceitação do silêncio inicial e final, última palavra daquele "discurso" que é a vida de todo homem, linguagem singular, pessoalíssima síntese ativa, união dinâmica e unidade vital do *meu* silêncio e da *minha* palavra. E a linguagem não é somente palavras faladas, pictóricas, musicais: é palavra e silêncio juntos (idem).

Por que estas considerações, meus caros afilhados, nas luminárias desta noite? Por que falar do silêncio aos que são mestres de línguas, aos licenciados das letras? É justamente a nós que convém as ponderações do filósofo, meus caros colegas.

Vivemos uma época sensorial e epidérmica por excelência. Os sentidos vivem na pletora das sensações que os fazem vibrar as vinte e quatro horas consecutivas; para depois recomeçarem ao nascer do novo dia, alternando simplesmente o horário da roda viva que é a existência e deixando no olvido a essência impenetrável.

A visão é o sentido dominante de nossa civilização. Tudo é visual. Tudo são encantos de colorido múltiplo desde o vestir, às salas de estar, aos enfeites, aos luminares, tudo é cor, tudo é visão. Não temos tempo para escutar, para ouvir, para meditar... Os mosteiros, os ermos, a solidão foram devastados pelo tropel dos ruídos e pelo deslumbrar das cores que os aparelhos eletrônicos transformam em banquete de distrações.

E esta civilização dos ruídos musicais, dos uivos das máquinas que infernizam os nossos dias e atordoam as noites cobertas de sombra na irritação do ser humano que se dilui requebrado por tantos barulhos; esta civilização chegou a decretar a morte de Deus... De fato há coerência nessa ignomínia. "Deus é o silêncio que gera o Verbo." Uma civilização em que não há silêncio é uma civilização sem Deus. É uma civilização secularizada, dessacralizada, sacrílega, que não tem palavras para dizer e ainda menos para viver! E então que dizer diante da visão macabra dos dias em que vivemos? Ficar apenas na observação dantesca da realidade cruel e devastadora? Não, meus caros! Aqui estamos para lançar a palavra de renovação, de revitalização das fontes do silêncio, das energias da vida. E a arrancada de renovação deve partir de nossas aulas, de nosso labor de cada dia. Somos professores de línguas vernácula ou estrangeiras. E quem diz linguagem diz palavra e silêncio, silêncio e palavra. O silêncio não é intervalo no interior de cada palavra, mas a ponte de união dos sons. É a força, é a energia, o vigor da palavra.

Antes de dizer estas palavras tive horas e horas de meditação e de silêncio, e desse reprimir de energias as palavras brotam como vertentes impulsionadas pelo silêncio interior e inefável. Também vós, que ouvís, que ledes, que vedes, refletis, criais a zona de silêncio onde caem as minhas palavras agitadas neste momento. E vós as transformais em essência do ser, em medula de vossa personalidade.

A nossa vocação é a palavra, é o silêncio das letras, das línguas... A tarefa a cumprir tão simples, tão sublime e tão importante — ensinar a escutar, a falar, a ler, a escrever.

Ensinar a escutar — é educar para o silêncio; é colocar a criança, o adolescente diante do texto de linguagem e induzi-lo à meditação, à reflexão, ao silen-

cio germinador. Escutar, ouvir é o sentido que mais humaniza o homem, pois o interioriza, o volve para dentro de si, para a realidade de si mesmo.

Assim como a semente antes de desabrochar parece procurar a morte, a reflexão parece retirar o homem da ação, antes de lançá-lo na missão transformadora.

Ensinar a falar é educar para o silêncio, pois ninguém melhor fala do que aquele que sabe calar. Calar para escutar, para interiorizar-se.

Ensinar a ler, eis a grande aventura do espírito, como dizia Fidelino de Figueiredo. Não há maior aventura do que esta de penetrar no âmago do texto, como escafandrista em busca do tesouro e depois de encontrá-lo voltar feliz sobre si mesmo antes de comunicá-lo aos outros.

Ensinar a escrever, outro trabalho de criatividade, de transformação do ser humano. Da vida interior bem estruturada surge o talento do escritor, do poeta.

Mergulhar no mundo interior para poder comunicar aos outros.

Comunicar — tornar comum aquilo que nos pertence sem contudo deixar de ser nosso. Novamente é o silêncio que se comunica em palavras e se transforma em bens para os demais.

Aí está a nossa vocação, professores de línguas, artífices da palavra, dispenseiros das letras. Há os colegas avaros de sua arte, comunicam apenas a ciência das letras, a gramática, sem penetrarem no mistério do texto, da palavra. O nosso ensino transformante e transformador deve partir do texto, da leitura meditada, aprofundada, e vivificada. A leitura antológica, eis a chave da nossa vocação com que haveremos de humanizar a humanidade, com que haveremos de dar nova vida a esquemas ainda que modernos, mas já sem vida. A leitura é a força transformadora das gerações. A Roma dos Césares humanizou-se em contato com as letras, com as *humniores litterae*; a Europa medieval viveu a grande civilização, graças aos trabalhos dos monges que deixavam por algumas horas o silêncio de sua meditação para as aulas de leitura nas escolas dos mosteiros. Junto a esses sacrários do silêncio e da meditação surgiram as Universidades como fermento que levedou a massa das gerações.

Meus caros afilhados, somos chamados para a cruzada humanizadora de nossa civilização através do trabalho humilde, silencioso e fecundo de nossas aulas de línguas através da leitura dos textos. É muito pouco, tudo isto, mas é o necessário para a redenção da humanidade. E nós devemos ser fiéis à nossa vocação de mestres da palavra, de mestres do silêncio. Vem-me à lembrança o episódio de Rabindranath Tagore quando de sua visita ao Rio de Janeiro lá pelos idos de 1930. Agradeceu a homenagem da Academia Brasileira de Letras

e desculpou-se pois tinha que ser fiel a seu dia de meditação. O trabalho de nossas aulas é profícuo, quando decorre de nossos momentos de meditação. O trabalho de nossas aulas leva os alunos ao exercício do silêncio, ao hábito da meditação do texto. Dessa forma o trabalho humilde, pequenino transforma a técnica em humanismo, transforma as sensações em sentimentos, em vivências profundas.

E os acontecimentos da liturgia cristã nos levam à contemplação de três personagens: Maria, João Batista e Jesus. A primeira, a Imaculada, cuja festa hoje celebramos, no título maravilhoso da Virgem concebida sem pecado, invocação que acompanhou diuturnamente os nossos encontros nos quatro anos de estudos. Eis a nossa Conselheira, a Mãe que facilita nossos passos nos momentos de dor, que sabe levar-nos para Jesus.

E João Batista, a figura austera do pregador do deserto, o padroeiro dos professores, dos professores de línguas, que tantas vezes falam em vão. — Mas João nos leva ao Cristo, ao Cristo que habita entre nós, no silêncio das consciências, como ele dizia "no meio de vós está Aquele que vós não conheceis". . . .

E a figura de Jesus Cristo, centro de nossas vidas, razão de ser da humanidade, o verbo de Deus feito homem, igual a nós exceto no pecado.

E no meio do silêncio da noite a Virgem deu à luz ao Cristo, filho de Deus, nosso irmão. E nas silenciosas planícies da terra ecoou a voz vinda do eterno silêncio dos anjos — Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

O silêncio da noite sagrada retumbe dentro dos vossos corações e germine em palavras que serão vida para vós, para os vossos familiares e para os vossos alunos.